

O Telejornalismo no Cariri Cearense: a Rotina de Trabalho dos Jornalistas no Contexto da Pandemia da Covid-19 (2020 a 2022)

Television Journalism in Cariri Ceará: the Work Routine of Journalists in the Context of the Covid-19 Pandemic (2020 To 2022)

Periodismo Televisivo en Cariri Ceará: la Rutina de Trabajo de los Periodistas en el Contexto de la Pandemia de la Covid-19 (2020 Hasta 2022)

*Paulo Eduardo Cajazeira¹
José Jullian Gomes de Souza²*

Resumo: Propõe-se a investigação inicial da saúde e do trabalho do jornalista atuante na cobertura da pandemia da Covid-19, no primeiro semestre de 2020 até o primeiro semestre de 2022, na Região Metropolitana do Cariri cearense. Parte-se de uma proposta de metodologia quantiqualitativa, exploratória-descritiva e documental da nova *práxis* jornalística a partir de protocolos de prevenção. Procurou-se observar como as empresas de comunicação estão lidando com esses protocolos e, principalmente, com a saúde de seus colaboradores. Além dos impactos da crise sanitária no fazer jornalístico relacionados aos procedimentos de coleta de informações e produção de reportagens. Concluiu-se que, dos 23 respondentes, a maioria desenvolve o trabalho via sistema de *home office* e uma minoria, sobretudo os jornalistas de televisão, continuam na atuação em modo presencial. E, também, da necessidade de maior suporte das empresas em relação a disponibilização de equipamento de proteção individual.

Palavras-chave: Práxis profissionais. Saúde do jornalista. Pandemia. Crise sanitária. Cobertura jornalística.

Abstract: Proposes the initial investigation of the health and work of the journalist working to cover the Covid-19 pandemic, in the first half of 2020 until in the first half of 2022, in the Metropolitan Region of Cariri, Ceará. It starts with a proposal for a quantitative-qualitative, exploratory-descriptive and documentary methodology of the new journalistic praxis based on prevention protocols. We tried to observe how the communication companies are dealing with these protocols and, mainly, with the health of their employees. In addition to the impacts of the health crisis on journalistic practice related to the procedures for collecting information and producing reports. It concluded that, of the 23 respondents, the majority develops their work through the home office system and a minority, especially television journalists, continue to work in person. And it needs for greater support from companies in relation to the provision of personal protective equipment.

Keywords: Professional praxis. Journalist's health. Pandemic. Health crisis. News coverage.

¹ Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Pelotas, RS, Brasil, e-mail: paulo.cajazeira@ufpel.edu.br

² Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, CE, Brasil, e-mail: jullianjose64@gmail.com

Resumen: Este artículo propone la investigación inicial sobre la salud y el trabajo del periodista que trabaja para cubrir la pandemia Covid-19, en el primer semestre de 2020 hasta el primer semestre de 2022, en la Región Metropolitana de Cariri, Ceará. Se parte de una propuesta de metodología cuantitativa-cualitativa, exploratoria-descriptiva y documental de la nueva praxis periodística basada en protocolos de prevención. Intentamos observar cómo las empresas de comunicación están lidiando con estos protocolos y, principalmente, con la salud de sus empleados. Además de los impactos de la crisis de salud en la práctica periodística relacionados con los procedimientos de recolección de información y elaboración de reportajes. Se concluyó que, de los 23 encuestados, la mayoría desarrolla su trabajo a través del sistema de home office y una minoría, especialmente los periodistas de televisión, continúan trabajando en persona. Y también, la necesidad de un mayor apoyo de las empresas en relación a la provisión de equipos de protección personal.

Palabras clave: Praxis profesional. Salud del periodista. Pandemia. Crisis de salud. Cobertura de noticias.

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa se insere nas alterações da rotina do trabalho da imprensa e na saúde dos jornalistas durante a cobertura da Pandemia da Covid-19, com foco nos profissionais da televisão, nas principais cidades que compõem a Região Metropolitana do Cariri: Juazeiro do Norte, Crato e Barbalha. A região apresenta duas emissoras de televisão: a TV Verdes Vales, uma emissora própria da região do Cariri e a TV Verdes Mares Cariri, vinculado o Sistema Verdes Mares, com sede em Fortaleza e afiliada da Rede Globo no interior do estado. Ambas emissoras estão situadas na cidade de Juazeiro do Norte, que funciona como “polo” do fazer telejornalístico na região.

As questões que nos interessa neste estudo correspondem as atuais condições de trabalho do jornalista e aos impactos no fazer jornalístico da cobertura diária da pandemia da Covid-19. Primeiramente contextualiza-se o problema de pesquisa, culminando na pergunta-problema; em seguida, explicitamos as principais escolhas teóricas, os métodos de pesquisa e a análise de orientações realizadas por organismos nacionais e internacionais de imprensa e saúde: Federação Nacional de Jornalistas (FENAJ, 2022), Federação Internacional de Jornalismo (INJET, 2022) e Organização Mundial de Saúde (OMS, 2022).

A realização da pesquisa é fundamental devido (FÍGARO, 2020, p. 9) ao “[...] início da pandemia da Covid-19 no Brasil, haver notícias sobre as difíceis condições de trabalho vivenciadas pelos comunicadores em todo o país”. Além disso, “O afastamento social e o *home office* foram indicados como ações necessárias para diminuir o impacto da infecção pelo novo coronavírus. No entanto, nem todos os profissionais da comunicação podem manter o

distanciamento social”. Essa realidade apontada pela autora, também é visualizada no Cariri cearense, cujo os profissionais da imprensa estão realizando uma intensa cobertura sobre a Covid-19 na região.

Como problema de apresentamos a seguinte questão: como as organizações jornalísticas da região do Cariri cearense têm demonstrado a preocupação com a saúde dos jornalistas colaboradores, durante a cobertura jornalística da Pandemia da Covid-19? A partir de tal problemática enumeramos algumas hipóteses, tais como: a) na proporção em que se investem em medidas preventivas como o trabalho remoto (*home office*), b) realizam a distribuição de Equipamentos de Proteção Individual (EPIs) aos profissionais na linha de frente das reportagens (profissionais de TV, especificamente), c) criação de protocolos de proteção nas atividades externas de produção de reportagem e d) alteração da rotina de convívio dos jornalistas na redação com o uso de máscaras e outros equipamentos de proteção individual. Conforme nos afirma Fígaro *et al.* (2020, p. 19):

O contexto de pandemia da Covid-19 certamente acelerou a transição que alguns setores já ensaiavam de transmutar o local de trabalho para a residência do trabalhador. A emergência em prol da saúde coletiva passou a justificar, desse modo, a forma improvisada que muitos tivemos de assumir do trabalho em casa. O imprevisto é de toda ordem: equipamentos inadequados, falta de softwares, falta de apoio técnico, falta de uma rotina organizada que se precisa inventar, inadequação de móveis e local não ergonômicos, lugar/espço/ambiente inadequado, porque sobreposto à ambiência que pertence ao espaço privado da casa, do lar. O isolamento social também retira do trabalho algo fundamental que é a coletividade (FÍGARO *et al.*, 2020, p. 19).

Esses procedimentos fazem os jornalistas estarem fisicamente longe da redação como parte das orientações de prevenção e distanciamento social dos órgãos de imprensa e saúde. Como nos conta Fígaro *et al.* (2020, p. 3), “o afastamento social e o home office foram indicados como ações necessárias para diminuir o impacto da infecção pelo novo coronavírus”. Os autores alertam ainda que, nem todos os profissionais da comunicação podem manter o distanciamento social. No exercício profissional, o serviço público da informação, exige, muitas vezes, a apuração do fato *in loco*. Também se cobra a pesquisa para a produção da informação qualificada sobre o produto e a verificação dos dados para traçar políticas de comunicação para as instituições (FÍGARO *et al.*, 2020).

Na divulgação científica, no setor de saúde, seja nos órgãos públicos ou privados, hospitais, ministério, secretarias ou no apoio institucional, os profissionais da comunicação

estão atentos, atuantes, presentes. O Brasil tem aproximadamente 145 mil jornalistas profissionais registrados e, o índice brasileiro é de cerca de um terço dos jornalistas brasileiros com mais de um vínculo empregatício (MICK; LIMA, 2013). Outros dados importantes do estudo realizado pelos pesquisadores Mick e Lima (2013), é o perfil do jornalista brasileiro, o qual compreende, entre outros elementos, as seguintes características: idade (59% na faixa de 18 a 30 anos), mulheres (63,7%), homens (36,3%), prioritariamente se reconhecem como brancos (72,2%), nove entre dez jornalistas são profissionais formados em instituições de ensino superior e 25,2% desses profissionais estão afiliado a sindicatos da categoria.

Coronavírus é uma família de vírus que causa infecções respiratórias. O novo agente do coronavírus foi descoberto em 31 de dezembro de 2019 após casos registrados na China, provocando a doença denominada de coronavírus (Covid-19). Os primeiros coronavírus humanos foram isolados pela primeira vez em 1937. No entanto, foi em 1965 que o vírus foi descrito como coronavírus, em decorrência do perfil na microscopia, parecendo uma coroa.

Conforme informações do Ministério da Saúde, a Covid-19 é uma doença respiratória causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, com um potencial elevado de transmissão e distribuição global, como é possível observar ao longo dos dois últimos anos (2020-2022). Os seus principais sintomas são: febre, cansaço e tosse seca. Além deles, é possível que uma pessoa infectada possa sentir: perda de paladar ou olfato, congestão nasal, conjuntivite, dor de garganta, dor de cabeça, dores nos músculos ou juntas, diferentes tipos de erupção cutânea, náusea ou vômito, diarreia, calafrios ou tonturas. Caso o indivíduo possua alguma comorbidade, isso influencia diretamente no quadro clínico. A transmissão do vírus ocorre sobretudo pelo ar, por isso é necessário e fundamental o uso da máscara bem como o uso do álcool gel para fazer a limpeza das mãos que, eventualmente, possa ter contato com objetos, superfícies e pessoas.

Em novembro de 2021, a OMS designou a variante da Covid-19 B.1.1.529 como uma variante de preocupação denominada Ômicron. Tal variante apresenta um grande número de mutações, algumas das quais preocupantes. As outras variantes de preocupação ainda estão em circulação e são: Alfa, Beta, Gama e Delta. No Brasil, o processo de vacinação já vem ocorrendo desde o ano de 2021, mais precisamente no dia 17 de janeiro quando a enfermeira Mônica Calazans recebeu a primeira dose da vacina. As vacinas aplicadas são, respectivamente: CoronaVac (Butantan), AstraZeneca (Oxford/Fiocruz), Pfizer (BioNTech) e Sputnik V

(Instituto Gamaleya). De acordo com dados da OMS, já foram aplicadas mais de 38 milhões de doses em 153 milhões de pessoas, o que representa 71,9% da população vacinada³.

Desse modo, desenvolveu-se uma pesquisa com um grupo de jornalistas atuantes em Juazeiro do Norte, Crato e Barbalha, cidades-polo da Região Metropolitana do Cariri⁴ cearense entre os meses de maio e junho de 2020. A população nessas três cidades juntas soma 601.817 habitantes (IBGE, 2017) consideradas como cidades médias de acordo com o IBGE. No estudo Rede Urbana do Brasil, as cidades médias estão presentes nas categorias de Centros Regionais, Centros Sub-regionais 1 e Centros Sub-regionais 2 (IPEA, 2002).

O que diferencia essas categorias urbanas são: a centralidade (área de influência – abrangência regional do fluxo de bens e serviços que tem origem no centro urbano); as relações internacionais (presença de grandes empresas e corporações, redes complexas de serviços modernos que fortalecem o papel de centros decisórios); a escala da urbanização (dimensão do processo de urbanização em relação ao conjunto da rede urbana brasileira); a complexidade e diversidade da economia urbana (existência de setores econômicos diferenciados e nível de articulação setorial); a diversificação do setor terciário e funcionalidade (diversificação das atividades de serviços e funções urbanas específicas).

O município de Juazeiro do Norte possuía 79% do Produto Interno Bruto (PIB), em 2012, voltado ao setor de serviços, seguido de indústria (17%) e agropecuária (4%). Em relação à urbanização, a taxa de urbanização é de 70%, segundo relatório do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2017). Além disso, o Ceará apresenta um dos maiores índices de contaminação do País pela Covid-19. O sul do estado possui uma curva em ascensão em casos de contaminação pela doença registrados no primeiro semestre de 2020, segundo a Secretaria Estadual de Saúde do Ceará⁵. Fortaleza é a capital do estado do Ceará, porém, a

³ Dados atualizados em 15 de fevereiro de 2022.

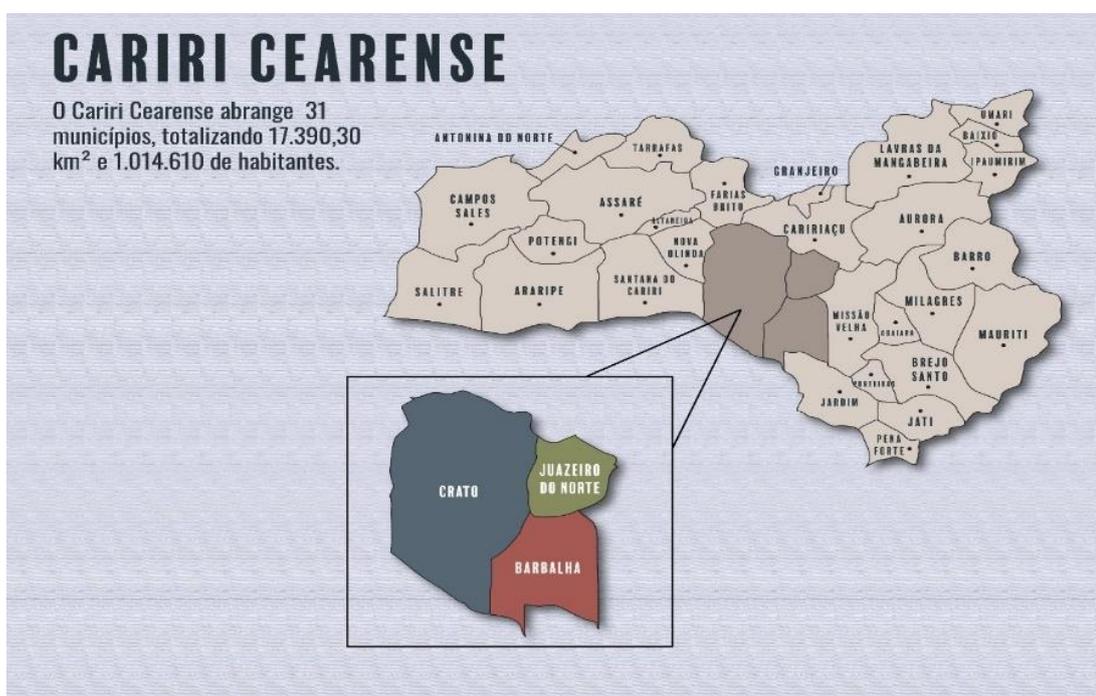
⁴ O conjunto urbano da Região Metropolitana do Cariri (RMC) está situado a uma distância média de 600 km das duas metrópoles regionais nordestinas mais próximas, Fortaleza e Recife. As três cidades principais (Juazeiro do Norte, Crato e Barbalha) mantêm vínculos estreitos tanto em termos de proximidade territorial quanto relacional, sobretudo pela relação de complementaridade socioeconômica no Cariri cearense. Essa região metropolitana é, atualmente, composta por nove municípios: Juazeiro do Norte, Crato, Barbalha, Jardim, Missão Velha, Caririçu, Farias Brito, Nova Olinda e Santana do Cariri. A RM do Cariri possui uma área total de 5.456,01 Km² (IBGE, 2010).

⁵ As informações são do boletim epidemiológico da Secretaria Estadual da Saúde (Sesa), divulgado no dia 17 de junho de 2020. A Região do Cariri apresentou o maior crescimento de casos e óbitos por Covid-19, com 56,8% e 48,8% de incremento no Ceará. Conforme o boletim, apesar de o aumento nos dois indicadores, os números foram menores em comparação com a semana anterior (10/06/2020), quando a região registrou 61,4% de casos confirmados pelo novo coronavírus e 50% de mortes pela doença.

Região do Cariri (sul do Ceará) tem apresentado índices de contaminação cada vez maiores e preocupantes em relação ao número de doentes, isolamento social e de óbitos.

As cidades foram também escolhidas pela proximidade acadêmica e profissional dos pesquisadores. Essa escolha não foi feita visando necessariamente uma comparação, mas mostrar que é possível a existência de várias realidades no país no que se refere a saúde do jornalista na cobertura da Pandemia.

Figura 1 – Mapa representativo da Região Metropolitana do Cariri cearense



Fonte: Elaboração própria a partir de dados do portal IPECE (2022).

Procurou-se, a partir dos protocolos de prevenção do trabalho do jornalista de televisão, o desenvolvimento de um **Guia de prevenção ao novo coronavírus na práxis jornalística em televisão**. Esse documento levantou a necessidade de orientação e prevenção aos profissionais durante o período de crise sanitária.

O método utilizado foi de cunho quanti-qualitativo, exploratório-descritivo e documental. Para atingir as metas do estudo, foram considerados dois instrumentos como determinantes: a) formulário on-line direcionado aos jornalistas de Juazeiro do Norte, Crato e Barbalha; e b) desenvolvimento de um Guia para jornalistas de prevenção à Covid-19 com informações documentais da FENAJ, FIJ e OMS.

O instrumento de coleta foi criado pela equipe de investigadores desta pesquisa. No desenvolvimento do questionário, elaboraram-se perguntas fechadas, condicionantes ao nível de resposta do inquirido e, ao final, uma pergunta aberta. Consideraram-se consistências lógicas entre as perguntas, que garantiram a qualidade na análise da coleta de dados. Foram estudados, anteriormente, alguns modelos de questionários desenvolvidos pela FENAJ e FIJ.

De posse dos endereços de e-mail dos jornalistas, realizou-se o envio do formulário online na plataforma *Google Forms*, dividindo o público-alvo em três categorias: sexo, formação e atuação profissional. Tal estratégia torna possível não só a garantia do acompanhamento das atividades e os aspectos de cumprimento dos protocolos sanitários pelas empresas de comunicação locais.

O formulário online enviado para os jornalistas da região do Cariri cearense, tem como objetivo identificar e verificar as medidas de proteção que as empresas de comunicação estão realizando acerca da saúde desses profissionais diante a pandemia da covid-19. Enviado por e-mail, o formulário coletou 23 (vinte e três) respostas entre o período de 29 de maio a 19 de junho de 2020 e, está estruturado em 8 (oito) questões e informações iniciais sobre a faixa etária, sexo e tipo de veículo ao qual trabalha.

2 AS CONDIÇÕES DE TRABALHO DOS JORNALISTAS NO CARIRI CEARENSE

Do total de repostas alcançadas 39, 1% dos jornalistas têm idade entre 25 a 29 anos; 26,1% têm até 24 anos e a mesma porcentagem para jornalistas com idade entre 30 a 39 anos e 8,7% têm de 40 a 49 anos. Assim, visualiza-se que a maioria dos jornalistas possui faixa etária entre 24 e 29 anos, esse dado pode ser atribuído a implementação do único Curso de Jornalismo existente na região ofertado, inicialmente, pela Universidade Federal do Ceará campus Cariri criado em 2010 e, posteriormente, com a criação da Universidade Federal do Cariri (UFCA) a partir do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (*Reuni*), em 2013. Em relação ao sexo, 60,9% dos participantes são jornalistas homens e 39,1% são mulheres, demonstrando uma paisagem profissional formada, majoritariamente, por uma classe masculina.

Identificou-se que a maioria dos profissionais estão situados em empresas jornalísticas voltadas para o radiojornalismo (39,1%), uma vez que na região do Cariri cearense o rádio possui uma presença forte e prestigiada abarcando grande parte dos profissionais. Em seguida, temos os veículos online (26,1%); assessorias de comunicação ou imprensa (21,7%) e os jornalistas que trabalham em televisão (13%). Na região temos 2 (duas) emissoras de TV: a

afiliada da Rede Globo de Televisão Verdes Mares Cariri, oriunda da expansão da matriz situada na cidade de Fortaleza (TV Verdes Mares) e outra pertencente a cidade de Juazeiro do Norte, a TV Verde Vale.

Na primeira questão identificou se os jornalistas estão trabalhando de modo presencial ou em domicílio durante a pandemia. De acordo com os dados obtidos observamos uma predominância do trabalho domiciliar com 82,6% e 17,4% de modo presencial. Uma realidade que se configura com as recomendações da Fenaj, que recomenda a realização de teletrabalho (home office) na maioria dos casos possíveis.

Na segunda questão, os jornalistas foram interrogados sobre as condições de saúde e segurança em seus respectivos trabalhos. Das 23 respostas, 87% afirmaram que as empresas se preocupavam em ofertar condições de saúde e segurança e 13% estavam trabalhando mesmo sem a empresa proporcionar tais cuidados. Essa visualização de dados explicita, em parte, a precariedade estrutural de algumas empresas jornalísticas de atenção e o cuidado com o seu quadro profissional. Já na terceira questão, os jornalistas responderam sobre a quantidade de EPIs e se eram suficientes para a troca e higienização. Para 60,9% as condições de trabalho se afirmam como positiva e 39,1% queixaram-se sobre a não disponibilização dos EPIs.

Numa comparação com a questão anterior, entende-se que há maior disparidade nas respostas sobre a disponibilização de EPIs. Se 87% dos jornalistas afirmam que as empresas dispõem de cuidados com a saúde dos seus jornalistas e na resposta afirmativa sobre os EPIs apenas 60,9% dessas mesmas empresas fazem essa disponibilização, tem-se um quadro no qual se tratando dos cuidados e condições de saúde dos seus profissionais, os EPIs não são necessariamente contemplados. Acerca de quais EPIs estavam sendo disponibilizados, na quarta questão, temos os seguintes dados: o álcool gel (60,9%) e a máscara (47,8%) são os equipamentos mais disponibilizados pelas empresas jornalísticas. Já a luva, EPI que tem sido utilizado mais por empresas internacionais, não obteve tanta aderência ao menos no recorte desta pesquisa representando 13% das respostas.

Destaca-se que uma porcentagem elevada de profissionais destacou a ausência de equipamentos disponibilizados (34,8%) e, que nos possibilita compreender que eles estão atuando sob o risco de contrair o novo coronavírus. A quinta questão versava sobre as melhorias nas condições de trabalhos dos jornalistas pelas organizações, as quais pertenciam com o intuito de prevenir o contágio da covid-19 em suas rotinas de trabalho. Dentre as respostas 43,5% responderam que poderiam ser melhores, 26,1% estão satisfeitos e 30,4% não souberam avaliar.

A partir dos dados, a leitura que podemos realizar é que os jornalistas gostariam que as melhorias existissem ou fossem feitas.

Em conjunto com os dados quantitativos, os jornalistas foram perguntados sobre as sugestões que poderiam acarretar numa melhoria de tais condições de segurança do trabalho. Todas as respostas obtidas tratavam sobre a disponibilização de mais materiais básicos de segurança como álcool gel e máscara ou mesmo de maior quantidade de material. Ou seja, ainda que a organização disponibilize estes equipamentos de proteção, os jornalistas relataram que são insuficientes.

A sexta questão, tratou sobre o nível de pressão (estresse, cobrança por resultados, sobrecarga/acúmulo de trabalho). De acordo com os dados, 82,6% dos jornalistas responderam afirmativamente sobre o aumento da pressão no trabalho e 17,4% disseram não ter sentido uma sobrecarga. Dada a porcentagem, observamos que essa pressão pode estar atrelado ao fluxo de informações que tem sido intensificado durante a pandemia.

A próxima questão verificou os cuidados das empresas jornalísticas com os profissionais pertencentes ao grupo de risco (indivíduos acima de 60 anos e portadores de doenças crônicas como diabetes, hipertensão e asma). Apesar da grande maioria afirmar que as empresas têm demonstrado certa preocupação e adotado medidas de segurança (73,9%), 26,1% das empresas de comunicação na região do Cariri cearense não seguem o mesmo exemplo. Ainda que nesta pesquisa não se tenha identificados jornalistas pertencentes ao grupo de risco, outros profissionais que integram a equipe e/ou empresa podem configurar o quadro de profissionais do grupo de risco em atividade atualmente.

A última questão do formulário identificou se o jornalista ou alguém da redação/empresa tinha sido infectado pelo novo coronavírus. Conforme os dados, 95,7% dos profissionais marcaram “não” como resposta e 4,3%, ou seja, somente 1 (um) profissional respondeu saber da existência de um caso em seu ambiente de trabalho. Neste sentido, estes dados nos possibilitam refletir sobre como as empresas jornalísticas da região do Cariri cearense têm cuidado da saúde física e mental dos seus jornalistas.

De acordo com a FENAJ, o Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Ceará (Sindjorce) enviou às empresas um documento com 19 medidas a serem adotadas de modo emergencial (SINDJORCE, 2020). Neste documento está explicitado os procedimentos que devem ser tomadas pelas empresas, corroborando para que as os seus profissionais estejam seguros e tenham condições mínimas de trabalho. E, também, segundo a pesquisa: “Como trabalham os comunicadores em tempos de pandemia da Covid-19?”, realizada pelo Centro de Pesquisa em

Comunicação e Trabalho (CPCT) da Universidade de São Paulo (USP) de 5 a 30 de abril de 2020 verificou-se casos de aumento da jornada de trabalho, a variação foi de 1 a 6 horas diárias.

Os meios de trabalho mais utilizados pelos comunicadores são computadores (100%) com conexão de internet doméstica (95%) e *smartphones* (93%), de propriedade dos trabalhadores (81,6%). Quanto à organização de tarefas, observa-se um fenômeno de plataformização do trabalho, que passa a se desenvolver em redações virtuais através de aplicativos de mensagens instantâneas e de ordenamento de tarefas, além de serviços de e-mail. Segundo a maioria dos participantes (65,8%), as empresas para as quais trabalham adotaram medidas preventivas suficientes para garantir a segurança dos profissionais.

Neste sentido, é possível afirmar que as empresas de comunicação da região do Cariri cearense estão em consonância com as recomendações da Fenaj e do Sindjorce. Os jornalistas têm recebido assistência e a grande maioria está trabalhando em *home office*, porém, há um aumento considerável da carga horária de trabalho diário. Os jornalistas têm executado um importante papel em manter o público informado durante a cobertura jornalística em meio a pandemia ocasionada pela Covid-19. Estes integrantes da mídia estão enfrentando uma enorme quantidade de pressão e tensão e, sendo expostos a infecções por meio do deslocamento casa-trabalho, viagens, produção de reportagens nas ruas, entrevistas e locais em que se encontram trabalhando.

3 GUIA PARA JORNALISTAS DE TELEVISÃO NA COBERTURA DA COVID-19

Diante deste cenário atual, iniciado em 2020, que tem como prerrogativa o estabelecimento de diretrizes para a prevenção ao novo coronavírus, elaboramos um manual, especificamente, para o jornalista de televisão. O intuito é contribuir para minimização dos danos à saúde deste profissional e nas orientações de normas, possibilitando a realização das suas funções a partir de um caráter preventivo. O guia está dividido em 3 partes: **pré-produção**, **produção** e **segurança do equipamento**, com passo a passo sobre os cuidados que os jornalistas devem manter.

Quadro 1 – Etapas do guia para a produção telejornalística na pandemia da Covid-19

Pré-produção	
Passo 1	A equipe de reportagem no caso das equipes formadas (repórter, cinegrafista e motoristas) é necessário fornecer álcool gel, vários pares de luvas e máscaras descartáveis e material para a proteção dos microfones utilizados no ambiente externo à redação. São materiais simples e necessários que visam a proteção da equipe de gravação.
Passo 2	Para minimizar o risco de exposição e, sempre que possível, entrevistas por telefone ou online devem ser realizadas, e não pessoalmente. Até os jornalistas mais experientes podem ter problemas psicológicos ao reportar sobre o surto de Covid-19. O professor responsável pela disciplina laboratorial deve verificar e orientar regularmente seus alunos para ver como eles estão lidando e oferecer orientação e apoio, se e quando necessário.
Passo 3	O distanciamento entre o repórter e o entrevistado é essencial nas gravações. Conforme orientação das Organização Mundial de Saúde, a distância de um metro já é o suficiente, o equivalente aos dois braços abertos.
Passo 4	Evite infecções e infectar os outros, portanto, enumeramos alguns locais que julgamos não optarem por gravar durante o período da Pandemia: 1) qualquer tipo de estabelecimento de saúde; 2) um lar para idosos; 3) a casa de uma pessoa doente, alguém com problemas de saúde ou alguém que possa estar grávida; 4) necrotério, crematório ou serviço funerário; 5) zona de quarentena, isolamento ou bloqueio; 6) uma habitação urbana densamente lotada (favela, por exemplo).
Produção	
Passo 1	As recomendações padrão para evitar a infecção a) Mantenha uma distância mínima de pelo menos 2 metros com todos, tendo especial cuidado com aqueles que apresentem sinais ou sintomas de doenças respiratórias, como tosse e espirros. Evite apertar as mãos, abraçar e/ou beijar.
Passo 2	Tente ficar em ângulo com um assunto durante uma entrevista, em vez de ficar de frente, mantendo sempre os 2 metros ou mais de distância recomendados.
Passo 3	Mantenha uma distância mínima segura ao entrevistar idosos, pessoas com problemas de saúde subjacentes, pessoas próximas a indivíduos sintomáticos, profissionais de saúde que tratam pacientes com covid-19 ou trabalhadores em locais de alto risco.
Passo 4	Sempre cubra a boca e o nariz ao tossir e espirrar. Se você tossir ou espirrar em um lenço de papel, descarte-o imediatamente de maneira segura e apropriada. Lembre-se de lavar bem as mãos depois.
Segurança do equipamento	
A	Use microfones direcionais a uma distância segura;
B	Sempre que possível, use equipamentos móveis em vez daqueles com cabos.
C	Se possível e prático, coloque algum tipo de proteção plástica ao redor do equipamento ao usá-lo. Isso minimizará a área de superfície do equipamento que pode ficar contaminado e será mais fácil de limpar e desinfetar;
D	Leve consigo baterias sobressalentes totalmente carregadas e evite carregar qualquer coisa no local, pois esse é um item adicional que pode ser contaminado;
E	Certifique-se de que todo o equipamento seja descontaminado novamente ao devolvê-lo;
F	Se estiver usando um veículo para a tarefa, assegure-se de que o interior receba uma limpeza profunda e profunda após qualquer tarefa de uma equipe treinada adequadamente;
G	Deve-se prestar atenção especial às maçanetas das portas, volante, alavanca de câmbio, alavanca do freio de mão, espelhos retrovisores, apoios de cabeça, cintos de segurança, painel de controle e abaixador de janelas.

Fonte: Elaborado pelos autores (2022).

O trabalho dos jornalistas de televisão, durante a cobertura na pandemia da Covid-19 foi intensificada, pois como explicitam Caleffi e Pereira (2020, p. 80) houve um aumento no consumo de televisão e “[...] um crescimento no grau de confiança em relação ao meio pelo público telespectador [...] ligado à ampliação dos conteúdos telejornalísticos” e, logo, com a intensificação da rotina dos profissionais televisivos. Desse modo, o guia para jornalistas surge dentro de um contexto em que “[...] ao mesmo tempo em que a [televisão] cativava a audiência com a informação, a emissora também precisava preservar seus profissionais e fontes” (CALEFFI; PEREIRA, 2020, p. 80).

Neste novo cenário, a atividade jornalística foi considerada essencial, porque mantém a população informada sobre prevenção, locais de atendimento e reflexos da pandemia sobre a economia, entre outros. Com isso, o processo de produção de conteúdo jornalístico sofreu uma série de mudanças para se adaptar, e no caso do telejornalismo, a mídia televisiva também teve que se readaptar ao novo contexto. A forma tradicional de produção de conteúdo foi aos poucos implementando novidades, devido à necessidade de distanciamento e proteção, com o uso de máscaras, luvas, álcool gel entre outros (KNEIPP; MORAES, 2020, p. 287-288).

Dentro deste momento único para a humanidade e para os jornalistas, “O uso das máscaras nos telejornais regionais, a partir de 5 de maio de 2020, foi uma novidade na rotina produtiva das equipes de externa, sobretudo para repórteres, que precisaram adaptar a locução” (THOMÉ *et al.*, 2021, p. 83). Além disso, foi preciso direcionar os entrevistados durante a gravação ou mesmo ao vivo visto que agora eram eles que faziam o uso do microfone – como uma das formas de manter os protocolos sanitários.

É importante salientar que mesmo com a volta da rotina, quase dentro da normalidade de antes da pandemia, é fundamental que os jornalistas continuem mantendo os protocolos sanitários e de segurança, visando a sua segurança, a segurança do entrevistado, dos colegas na volta para a redação e dos seus familiares. Mesmo agora no ano de 2022, dois anos após o início da pandemia, e com a aplicação das vacinas indo para a terceira dose, o risco e as ondas de contágios permanecem como numa gangorra, indo e voltando, com números de casos e de mortes que ora aceleram, ora desaceleram.

De acordo com informações do Ministério da Saúde, sobre a Covid-19 no país, entre os dias 27 de março de 2020 e 15 de fevereiro de 2022 (uma data de verificação para o desenvolvimento deste estudo) o número de óbitos é de 639.689 – da população geral (BRASIL, 2022). Já quando verificamos um recorte desse números especificamente dos jornalistas no

Brasil, os dados apresentam um total de 295 jornalistas mortos por Covid-19, de acordo a Associação Brasileira de Imprensa (LINARES, 2022). Um percentual muito significado se considerarmos que os jornalistas também estão na linha de frente, realizando uma cobertura em tempo real durante o cenário pandemia, especialmente os jornalistas de televisão que têm como base o trabalho externo, estando assim, exposto aos riscos de contágio.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste estudo oportunizou a observação e compreensão das atuais *práxis* jornalísticas, cujo recorte ocorre mediante a realidade da cobertura jornalística sobre a Covid-19 e a saúde dos jornalistas na região do Cariri cearense. Em diálogo com uma cobertura de guerra, o Jornalismo, as empresas midiáticas e os profissionais da informação, os jornalistas, têm vivenciado neste primeiro semestre de 2020 grandes desafios para o desenvolvimento da sua missão: levar a informação para os cidadãos. Em meio a pandemia são vários desafios que estes profissionais enfrentam: pressão, alterações das rotinas, medo do contágio e propagação, instabilidade profissional, dificuldades com a apuração, fornecimento de dados entre outros.

Identifica-se também a importância da sua atuação jornalística na cobertura da Covid-19, em meio aos processos de desinformação, *fake news* e informações que circulam sem a devida checagem necessária. A legitimação da profissão e do profissional tem se demonstrado fundamental e crucial, não apenas apresentando dados e estatísticas corretas. Mas, principalmente, revelando, ainda mais, o lado humanístico do jornalismo e a sua função social. Ao passo que também se observa a necessidade em discutir sobre a saúde dos jornalistas, visto que tem se acompanhado, com pesar, a morte de inúmeros colegas de profissão no atual momento marcado por incertezas, sonhos interrompidos, familiares e amigos em luto.

Desta forma, esta pesquisa inicial apresentou que a atividade jornalística não foi paralisada, mas houve transformações e mudanças, necessárias, como o trabalho remoto (*home office*) intensificado para a preservação da saúde dos jornalistas; uso de EPIs para jornalistas que estão trabalhando nas redações e/ou a campo, como no caso dos jornalistas de televisão; necessidade de afastamento da relação jornalista-personagem, sobretudo no momento da entrevista e; entrevistas remotas realizadas via videoconferência, que já eram utilizadas, porém foram intensificadas.

Acerca da cobertura jornalística e a saúde dos jornalistas na região do Cariri cearense identificou-se que a grande maioria está trabalhando de modo remoto e, que os jornalistas que estão em modo presencial destacaram a necessidade de maior atenção na disponibilização de

EPIs, para que o mesmo material não seja utilizado por muito tempo e uma troca possa ser feita. Através do formulário on-line também pode ser averiguado que o aumento da pressão neste momento de pandemia, com estresse, cobrança por resultados e sobrecarga/acúmulo de trabalho. Fato que pode ser atribuído a velocidade de informações que circulam cotidianamente, no mesmo sentido em que se deseja transmiti-la as suas audiências.

Assim, a preocupação com os jornalistas diante o recorte deste estudo relaciona-se com a mesma preocupação demonstrada pela Fenaj em âmbito nacional e, o Sindjorce no âmbito do estado do Ceará. Nesta perspectiva, a elaboração de um guia de prevenção ao novo coronavírus na *práxis* jornalística em televisão fortalece a preocupação e evidencia os cuidados com a saúde desses jornalistas, não apenas para a aplicação e usabilidade na região do Cariri cearense, mas como suporte de apoio para as demais realidades de outros estados e regiões do Brasil.

Para além dos profissionais de TV, o guia também funciona para professores e estudantes dos cursos de Jornalismo e Audiovisual das Instituições de Ensino Superior, visto que está ocorrendo um retorno das atividades educacionais de forma presencial. E, assim, acreditamos que o guia poderá auxiliar na execução das atividades práticas desses estudantes.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. **Covid-19 no Brasil**. Brasília: Ministério da Saúde, 2022. Disponível em: https://infoms.saude.gov.br/extensions/covid-19_html/covid-19_html.html. Acesso em: 16 fev. 2022.

CALEFFI, Renata; PEREIRA, Ariane. De frente para a TV, testemunhamos um novo modo de fazer jornalismo. *In*: EMERIM, Cárlica; PEREIRA, Ariane; COUTINHO, Iluska. **A (re)invenção do telejornalismo em tempos de pandemia**. Florianópolis: Insular, 2020. p. 79-92.

FENAJ. Federação Nacional dos Jornalistas. **Portal**. Brasília: FENAJ, 2022. Disponível em: <http://www.fenaj.org.br/>. Acesso em: 12 fev. 2022.

FIGARO, R. *et al.* Como trabalham os comunicadores na pandemia do Covid-19? **Revista Jurídica Trabalho e Desenvolvimento Humano**, v. 3, 3 jul. 2020. Disponível em: <http://revistatdh.org/index.php/Revista-TDH/article/view/76>. Acesso em: 16 fev. 2022.

GIACOMELLI, Enrico; GIACOMELLI, Fábio; GRAFOLIN, Tâmelá. Saúde nos dispositivos móveis: análise das apps sobre Covid-19 dos Governos do Brasil e de Portugal. **Asas da palavra**, Amazonas, v. 17, n. 1, jan./jun. 2020.

GRAFOLIN, Tâmelá. Narrativas sobre saúde nos jornais do interior de Portugal. *In*: CONGRESSO DA AGACOM - ASOCIACIÓN GALEGA DE INVESTIGADORES E INVESTIGADORAS DE COMUNICACIÓN, 1., 2017, Santiago de Compostela. **Anais [...]**,

Santiago de Compostela: Asociación Galega de Investigadores e Investigadoras de Comunicación, 2017.

IBGE. **Cidades**: Juazeiro do Norte-CE. Rio de Janeiro: IBGE, 2017. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/juazeiro-do-norte/panorama>. Acesso em: 10 fev. 2022.

IJNET. Internacional Journalist's Network. **Covid 19 reporting**. Washington, DC: INJET, 2020. Disponível em: <https://ijnnet.org/>. Acesso em: 12 fev. 2022.

IPEA. **Configuração atual e tendências na rede urbana do Brasil**. Brasília: IPEA, 2002. (Série caracterização e Tendências da Rede Urbana do Brasil, v. 1). Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=18261. Acesso em: 10 fev. 2022.

LAGE, Nilson. **A reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. São Paulo: Record, 2003.

LINARES, César López. **Brasil, México, Peru e Colômbia entre os cinco países com mais mortes de jornalistas por COVID-19**. ABI: Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <http://www.abi.org.br/brasil-mexico-peru-e-colombia-entre-os-cinco-paises-com-mais-mortes-de-jornalistas-por-covid-19/>. Acesso em: 16 fev. 2022.

KNEIPP, Valquíria Aparecida Passos; MORAES, Renato Ferreira de. Novas práticas sociais no telejornalismo brasileiro em tempos do novo coronavírus: um estudo do Bom Dia RN. In: EMERIM, Cárilda; PEREIRA, Ariane; COUTINHO, Iluska. **A (re)invenção do telejornalismo em tempos de pandemia**. Florianópolis: Insular, 2020. p. 287-303.

MICK, Jacques; LIMA, Samuel. **Perfil do jornalista brasileiro**: características demográficas, políticas e do trabalho jornalístico em 2012. Florianópolis: Insular, 2013.

NUTBEAM, Don. Health literacy as a public health goal: a challenge for contemporary health education and communication strategies into the 21st century. **Health Promotion International**, 15, p. 259-267, 2000.

OMS. Organização Mundial da Saúde. **Home**. Genebra, Suíça: OMS, 2022. Disponível em: <https://www.who.int/>. Acesso em 16 fev. 2022.

SINDJORCE. Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Ceará. **Coronavírus**: Sindjorce oficia empresas sobre medidas para proteger jornalistas. Sindjor, 16 mar. 2020. Disponível em: <http://www.sindjorce.org.br/coronavirus-sindjorce-oficia-empresas-sobre-medidas-para-proteger-jornalistas/>. Acesso em: 10 fev. 2022.

THOMÉ, Cláudia. *et al.* A cobertura da Covid-19 no Rio de Janeiro: aspectos da rotina produtiva do Telejornalismo Local. **Âmbitos**, Sevilla, n. 52, p. 71-86, 2021.

ZHAO, Yuehua; ZHANG, Jin. Consumer health information seeking in social media: a literature review. **Health Information & Libraries Journal**, p. 268-283, 2017.